

Para empresários só o governo vai mal

SÃO PAULO — Bem humorado, o banqueiro Olavo Setúbal, presidente do Grupo Itaú, deixou a reunião de ontem do Conselho Superior de Economia da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) com uma convicção: "O setor privado vai bem, obrigado; já o setor público é problema do governo e eu não me meto com isso". Ele tinha motivos para mostrar seu bom humor. Acabara de ouvir, do diretor do Departamento de Economia da Fiesp, Walter Saccá, os números do desempenho industrial de agosto, que registram um crescimento de 4,3% no Indicador do Nível de atividade (INA) da indústria paulista, sobre o mesmo mês do ano passado, acompanhado de aumento nas vendas, das horas trabalhadas na produção e de uma expectativa otimista para o final do ano.

Mas nem tudo foi festa na reunião. O presidente do Grupo Ultra, Paulo Cunha, deixou o encontro preocupado com a inflação e com a "colisão" que poderá haver entre a saúde do setor privado e a doença contagiosa do setor público. Há uma expectativa, na Fiesp, de que a inflação saia ainda mais do controle nos próximos dois meses, inclusive em razão dos ganhos trabalhistas garantidos na nova Constituição.

Ganhos — Com os 4,3% de aumento do INA em agosto, o acumulado no ano, pela primeira vez em 1988, passa a ser positivo, 0,3%, mas continua negativo em 12 meses: -2,2%. A iniciativa privada está comemorando, também, os ganhos de produtividade, já que obteve os resultados com redução do pessoal ocupado (-2,5%) no ano e 0,1% em agosto. Pela primeira vez em 13 meses, o índice de horas trabalhadas na produção tornou-se positivo, 5,2%. O consumo de energia elétrica, que continua em alta, alcançando 8,1% em agosto, para um acumulado de 7,4% no ano e de 4,8% em doze meses, preocupa o empresariado, que olha o futuro esperando por um colapso no fornecimento, já que não há investimentos no setor, enquanto a demanda continua crescendo.

Quanto às vendas — 10% no bimestre junho/julho sobre o mesmo período de 1987 —, seu valor real ainda perde da inflação, segundo os dados da Fiesp, levantados com base no Índice de Preços no Atacado (IPA) da Fundação Getúlio Vargas (-2,1% em agosto). Os salários reais, entretanto, garantidos a Fiesp, continuam em alta, alcançando 17% a mais em agosto sobre o mesmo mês de 1987.

Pacto — Essa performance do setor privado, capaz de arrancar piadas dos empresários, somente não é totalmente apreciável em face do risco que a inflação e a desorganização do governo oferecem, ainda mais às vésperas de eleições.

Por isso, também, a idéia do pacto social foi rediscutida como forma de se exercer uma pressão sobre o governo e obrigá-lo a "governar", como repete com insistência Walter Saccá, porta-voz do grupo, composto de alguns dos principais empresários de São Paulo, entre os quais estão também Mário Amato (Fiesp), Abílio Diniz (Grupo Pão de Açúcar), Cláudio Bardella (Grupo Bardella), Carlos Antonio Rocca (Mappin), Boris Tabacoff (Companhia Suzano de Papel e Celulose).

Política — As negociações encaminham-se, agora, para a articulação política e Saccá lembrou que há um compromisso dos partidos políticos de se engajarem nas discussões, agora que a Constituição foi promulgada. De Ulysses Guimarães, presidente da Câmara dos Deputados e do PMDB, os empresários esperam "o engajamento com atitudes e não apenas com palavras", pediu Walter Saccá. Ulysses Guimarães deveria mobilizar a classe política e "fazer com que o atual governo governe".

Saccá afirmou que todos os partidos foram convidados a participar do acordo e que o objetivo é reduzir o tamanho do Estado, via privatização das estatais, moralização do custeio, dar prioridades a investimentos de retorno social.